

Raça, classe e Revolução



Por **SEAN PURDY***

Comentário acerca do livro recém-lançado, coletânea sobre “a luta pelo Poder Popular nos Estados Unidos”.

Essa coleção de textos de revolucionários norte-americanos dos anos 1960-1970 sobre raça, classe e revolução, organizada por Jones Manoel e Gabriel Landi, faz uma importante contribuição à História dos Estados Unidos no Brasil. Traduz para português e reúne numerosos artigos do jornal das Panteras Negras, *O Pantera Negra*, um artigo recente sobre a Coalizão Arco-Íris (uma aliança entre os Panteras, os movimento latinos e trabalhadores brancos), seis contribuições do movimento chicano e porto-riquenho, três documentos do movimento de americanos asiáticos, um panfleto, artigo e recente entrevista sobre os Jovens Patriotas (militantes trabalhadores brancos) e dois textos do movimento indígena. Fornece um bom panorama das posições dos diversos movimentos da época em relação às questões de raça e classe. As notas de rodapé explicam termos, pessoas e eventos desconhecidos para leitores brasileiros. O livro será bastante útil para militantes da esquerda e professores de História dos Estados Unidos no Brasil.

O que deixa a desejar na coleção é o enorme prefácio de 70 páginas de Manoel e Landi. O que se espera numa apresentação de uma coleção desse tipo é uma introdução aos textos, os situando no contexto da época e na literatura existente sobre esses movimentos. Afinal, já existe uma literatura muito ampla, especialmente sobre a luta negra, que discute as origens desses movimentos, suas ideias, debates na esquerda, discussões internas e os problemas que enfrentaram.

Porém, ao invés disso, os organizadores ficam fixados em seus projetos políticos atuais, especialmente os debates em torno do liberalismo e a crítica de Hannah Arendt por Domenico Losurdo. Esse assunto pode até ser discutido – Arendt escreveu uns textos racistas sobre negros nos Estados Unidos –, mas isto acaba dominando o texto. Há 19 citações de Losurdo e 25 de Arendt nas notas de rodapé no prefácio, mas só seis de W.E.B. Du Bois e uma de Angela Davis sem falar da ausência total de especialistas sobre o período e os movimentos como Manning Marable, Peniel Joseph, Joshua Bloom, Waldo E. Martin Jr., Ahmed Shawki e Keeanga-Yamahtta Taylor, para mencionar só alguns estudiosos. O que pauta a historiografia desses movimentos sociais na década de 1960 nos Estados Unidos não é o liberalismo de Hannah Arendt, mas questões mais amplas sobre marxismo, economia política, estratégia e tática nos movimentos e a esquerda como um todo – questões que os autores acima tratam em detalhe.

Interessantemente, também não há textos da *League of Revolutionary Black Workers*, uma organização independente de base entre trabalhadores negros das fábricas automobilísticas de Detroit que organizou várias greves bem sucedidas em 1968-1969. Além da influência do chamado marxismo-leninismo (maoísmo e comunismo stalinista) na *League*, houve também na organização correntes de pensamento do Pan-Africanismo de CLR James e do marxismo humanista de Raya Dunayevskaya, Grace Lee Boggs e James Boggs (todos moradores de Detroit).

Finalmente, não há nenhuma referência aos estudos e traduções para português já feitos nos últimos anos por brasileiros sobre esses movimentos.

Combinado com uma leitura mais ampla de fontes secundárias, porém, essa coleção é mais que bem-vinda. Isto é particularmente importante no momento atual como surgimento de *Black Lives Matter* nos Estados Unidos e a atuação central de movimentos antirracistas e sociais no Brasil.

*Sean Purdy é professor de história dos Estados Unidos no Departamento de História da Universidade de São Paulo

(USP).

Referência

Jones Manoel e Gabriel Landi (orgs.) *Raça, Classe e Revolução: A Luta pelo Poder Popular nos Estados Unidos*. São Paulo, Autonomia Literária, 2020.

A Terra é Redonda